

SORKIN, Michael. *Variaciones sobre un parque temático: la nueva ciudad americana y el fin del espacio público*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004, 262 p. Título original: *Variations on a theme park*. [ISBN 84-252-1969-8]

ANGELA MARIA ENDLICH¹

A publicação de *Variaciones sobre un parque temático*, que pode ser considerada recente na língua espanhola, tornando-a também mais acessível aos leitores de língua portuguesa, ocorreu originalmente em inglês no ano de 1992. Esta versão em espanhol ficou a cargo do Editorial Gustavo Gili de Barcelona, que costumeiramente focaliza seu trabalho na área de arquitetura, arte e fotografia. O título destacado nesta resenha é considerado parte de uma nova série do referido editorial denominada *GG mixta*, por ora, apenas com dois títulos – este aqui mencionado e *Echar a perder*, que reúne manuscritos de Kevin Lynch.

Variaciones sobre un parque temático consiste em uma coletânea com oito ensaios, além da introdução de Michael Sorkin, editor da obra. Ele é arquiteto, escritor e professor. Os demais autores são da área de arquitetura, geografia, história e ciência política, todos com outras publicações recentes sobre temas atuais. No âmbito da Geografia são mais conhecidos Neil Smith e Edward Soja.

Os ensaios, de acordo o editor, teriam como objetivo apenas descrever os fenômenos a que se propõem. São fenômenos novos e ainda em curso, o que exige cautela acadêmica. Contudo, em alguns trechos da obra já se observam elaborações que ultrapassam a descrição. Os textos, de modo geral, expõem detalhadamente sobre os locais escolhidos e evocam uma série de imagens, mas cada ensaio apresenta apenas uma foto para ilustrar parte dos locais citados. Os ensaios são complementares e compartilham um olhar crítico proporcionando à obra mais do que uma convergência temática, uma coerência na perspectiva do tratamento e interpretação do assunto.

A temática do livro está relacionada a preocupações advindas da produção recente das cidades norte-americanas, como pode se apreender de seu subtítulo. Entretanto, o momento em que chega o livro em espanhol já coincide com a identificação mais clara de processos similares em outros espaços.

Em comum, os textos dos oito autores trazem exemplos diversos de novas estratégias de diferenciação e fragmentação urbanas, compassadas ao contínuo processo de estreitamento do espaço público. Nos termos encontrados na introdução, fala-se de uma cidade ‘ageográfica’, ou seja, desvinculada da geografia local; de um ‘reino de não-lugares’ e da projeção de uma ‘cidadania consumidora’, fatores que sacrificam a idéia de cidade como um lugar social e que tenha como parâmetro as relações humanas. Os próximos parágrafos trazem uma pequena síntese de cada ensaio.

O primeiro ensaio, de Margaret Crawford, intitulado *El mundo en un centro comercial*, focaliza o maior centro comercial do mundo, denominado *West Edmondson*, localizado no Canadá. Ele reúne simulações diversas, tanto nos espaços de circulação e entretenimento, onde podem se encontrar réplicas de antigas caravelas ao lado de

¹ Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Avenida Colombo, 5790, Maringá-Paraná.

submarinos, como nos quartos de hotéis que reproduzem ambientes característicos de diversos pontos do mundo. Tudo está ali. Esta é idéia que se vende. Não obstante os números superlativos quanto à área, lojas, entre outras atividades, não há concretamente muitas opções. Assinala a autora que há uma repetição de produtos no centro comercial. Como outras áreas similares, ele deixa em suspenso o espaço concreto, o tempo cronológico e as condições meteorológicas. A desorientação é um sentimento comum aos frequentadores destes espaços. A experiência do pedestrianismo e do encontro é oferecida em dimensões controladas. Outro ponto relevante destacado pela autora é que a localização destes centros inverte o teor da explicação das localidades centrais. Se, tradicionalmente, os centros de mercado se explicavam por um entorno com determinada densidade demográfica e poder de consumo, estes centros procuram agora definir sua localização de acordo com um estudo demográfico baseado em níveis de renda e poder aquisitivo. Eles figuram no espaço urbano norte-americano como 'ilhas' num 'mar' de asfalto que conecta fragmentos territoriais. O arranjo interior dos mesmos é continuamente re-adaptado, conforme os padrões de consumo. A constante renovação destes padrões se encarrega de deixar a satisfação sempre fora de alcance. O *marketing* é que envia insistentes mensagens sobre as necessidades que se deve ter. Estar neste mundo se justifica com o ato de consumir, sempre estimulado. Observa-se, ainda, que neste tipo de local a natureza é recriada. Além disso, ressalta o texto que nele se encontra algo ausente dos subúrbios americanos: a cidade. Então, os centros comerciais simulam a cidade. As pessoas consomem indiretamente um urbanismo de fantasia, enquanto consomem diretamente outros produtos. A autora mostra, ainda, como algumas experiências de revitalização de centros urbanos antigos inspiram-se nestes centros comerciais.

Langdon Winner, no segundo ensaio *La casa de los mistérios de Silicon Valley*, analisa esta área conhecida pelo seu desenvolvimento econômico na área de informática, onde estão empresas renomadas como a IBM e HP. O sucesso econômico é freqüentemente atribuído ao *espírito* empreendedor, mas o autor deixa claro o impulso devido ao investimento público, especialmente o militar. Caracterizam, ainda, estes espaços o trabalho excessivo, a aversão ao sindicalismo e aos movimentos sociais. A dedicação exagerada ao trabalho tem afetado as relações afetivas, pois conforme exemplifica o autor, houve no condado de Santa Clara, parte da região, mais divórcios que casamentos. O sucesso empresarial é projetado socialmente por meio dos automóveis, neste caso muito mais do que um objeto que serve para se locomover, tornou-se um ícone de reconhecimento. Os profissionais altamente *qualificados* convivem com aqueles cujas relações de trabalho são cada vez mais precárias. A maioria dos grandes empresários não vive no Silicon Valley, apenas mantém ali seus negócios. Assim, eles não têm a menor preocupação com os problemas territoriais, sejam eles de ordem ambiental ou social. Há uma carência completa de espaços públicos. Não existem teatros, museus, bibliotecas, estádios, nem parques ou outras áreas recreativas. Esta escassez de espaço público está vinculada a também ausente, nos termos do autor, consciência cívica. A analogia a casa dos mistérios deve-se à notável confusão provocada pelo desenvolvimento rápido e a contínua produção do espaço com uma arquitetura desconcertante que mascara a autêntica ordem das coisas e que dificulta reconhecer de onde procedem os comandos e o controle.

O ensaio de Neil Smith, o terceiro da coletânea - *Nueva ciudad, nueva frontera: el Lower East Side como oeste, salvaje oeste* - trata da revitalização de bairros, prática que continuamente tem implicado no *aburguesamento* dos mesmos. As cidades

revitalizadas negam sua história de conflitos sociais e se aproximam de espetáculos. O processo tem o poder de reinventar o passado. Ele apaga a história dos sem tetos e dos pobres na cidade. A aparência ordeira esconde a violência da expropriação e a repressão. Essa aversão à pobreza, registra o autor, nutre idéias absurdas como a de que deveria ser proibido dormir na rua, assim como é proibido jogar lixo nela. São ações que pretendem *limpar* a cidade da geografia e história da classe trabalhadora. Tudo isso acontece não porque a pobreza tenha diminuído. Ao contrário, são fatos concomitantes a ampliação do número de pobres. Ainda assim, os serviços sociais são extintos e os desalojamentos tornam-se sistemáticos. O poder público que se recusa em implementar políticas sociais, patrocina novas instituições que estimulam o aproveitamento do espaço pelo capital imobiliário de forma gentrificada, como é o caso da *Harlem Urban Development Corporation*, citado pelo autor. Os conflitos sociais são transformados em espetáculos artísticos, como corais e outros grupos artísticos que criam uma estética da pobreza. Ao ser convertida em espetáculo torna-se aceitável. Na sua condição concreta, os pobres não devem mais ser vistos, por isso precisam ser arrastados da cidade.

No quarto ensaio *Por el interior de la exópolis: escenas del condado de Orange*, Edward Soja esboça várias cenas de espaços produzidos fora de perímetros oficialmente urbanos num contexto em que aos poucos se vão as formas tradicionais de cidade. Assim, emerge o que considera *exópolis*, conforme ele, áreas onde a ausência de cidade é absolutamente urbana. São fragmentos que simulam a vida urbana, segundo o autor, *fraudes absolutos*. Tais fraudes ocorrem em cenários esteticamente perfeitos. Perfeitos demais para permitir a intervenção de seus moradores. Neles, além da ausência da vida pública, os moradores não podem alterar nem mesmo as cores de sua casa ou instalar qualquer coisa que possa 'ferir' a paisagem cuidadosamente planejada e 'empacotada'. A produção de espaços fragmentados e pautados pela fantasia e, por conseguinte, pela alienação, estende-se como modelo até mesmo a um campus universitário como o autor mostra numa das cenas descritas.

Subterrânea y elevada: la construcción de la ciudad análoga, ensaio na sequência da obra, escrito por Trevor Boddy, mostra mais um aspecto da produção contraditória da cidade, trazendo exemplos do que o autor denomina de uma versão filtrada da experiência urbana. Ele se refere à construção de ruas alternativas, ora elevadas como corredores envidraçados, ora subterrâneas como em Montreal, no Canadá. Inicialmente essas construções eram justificadas pelo rigor do clima, mas o pretexto atribuído à natureza esconde a tirania social. A vigilância encarrega-se de manter longe dessas vias pessoas indesejadas, criando um novo tipo de *apartheid* na cidade, pois enquanto a classe média branca circula nas ruas elevadas, os negros e pobres circulam nas ruas tradicionais de baixo. Isto alimenta, ainda, um triste conservadorismo, já que jovens negros vestem-se com roupas caras e formais, ação interpretada como uma estratégia de sobrevivência e de acesso às novas fortificações urbanas. As pessoas *suspeitas* são intimidadas ao entrar nestas ruas. Segundo o autor, essas vias alternativas suprimem os últimos vestígios de vida pública, pois as ruas se mantinham como locais de encontro das diferenças. Deste modo, elas simulam a urbanidade de maneira que se pode estar na cidade, sem os enfrentamentos que isso exige. Com este exemplo observa-se que se trata mesmo de cuidar da estética e não de resolver concretamente os problemas. Ao contrário, afirma o autor, é notório que os americanos e os canadenses são incapazes de falar em público sobre questões étnicas e sociais. O tema trazido pelo autor mostra como esse novo *tabu* está expresso na paisagem urbana cotidiana.

Mike Davis escreve o sexto ensaio da coletânea: *Fuerte Los Angeles: la militarización del espacio urbano*. Com o seu texto ele aprofunda a análise da obsessão por segurança que também tem marcado o que vem se difundindo como novo urbanismo. Além dos enclaves urbanos produzidos pela classe média e alta, ocorre uma militarização do espaço público. Estes objetivos incorporam uma arquitetura repressora, evitando qualquer elemento que possa trazer aconchego ao exterior dos edifícios. É por isso que as marquises desaparecem, restringe-se o mobiliário urbano, bem como os banheiros públicos, fontes de água, etc. O objetivo é retirar qualquer condição de habitabilidade das ruas. Esclarece o autor que tudo isso é parte da política de *contenção* do acesso livre dos pobres a determinadas áreas urbanas. Surgem vias exclusivas, os parques públicos são fechados, juntamente com as restrições aos direitos de aglomerações ou reuniões públicas. A multidão passou a ser vista como um perigo. Além disso, a arquitetura tem ajudado a camuflar edifícios cujos usos lembram as mazelas da sociedade, como os presídios. Os exemplos citados pelo autor mostram que os novos presídios construídos são irreconhecíveis na paisagem urbana.

Em *Ciudades en venta: la comercialización de la historia en el South Street Seaport*, Christine Boyer expõe sobre exemplos de áreas urbanas onde presumivelmente se preserva a história, como a área mencionada no título, ao lado de Manhattan. Conforme a autora, elas são mantidas com intenção *teatral* de proporcionar imagens emocionalmente satisfatórias de tempos passados. Há outros exemplos de um aproveitamento estético da nostalgia. Localidades são reproduzidas sem muita preocupação com a autenticidade dos seus elementos. A história pode ser reinventada e juxtaposta a ambientes modernos. Estes locais não têm como objetivo manter a história e a identidade. Ao contrário, visam à diversão e ao entretenimento e estão muito mais vinculados a fantasia e a alienação que ao esclarecimento.

O editor, Michael Sorkin escreve o último ensaio *Nos vemos en Disneylandia*. Ele trata diretamente do maior ícone da fantasia e da promessa de concretizá-la por meio de parques temáticos. Devido ao movimento turístico o autor explica que Orlando é a capital americana da transitoriedade. Entretanto, o 'império' *Disney* extrapola sua localização física ao criar, por meio de filmes, uma iconografia comum a diversas gerações. Com a mesma (in) coerência da televisão que justapõe sem critérios a programação, os parques também misturam e criam espaços antigeográficos. Nos parques se oferece uma experiência simplificada e higienizada que substitui a complexidade mais rebelde da cidade, nos termos do autor. Utopia extrema do ócio, o autor fala que há ali uma renaturalização da cidade e que a cidade jardim é o paradigma físico que antecipa o espaço *Disney*. A cidade é simulada, *cinematizada*. Na lúcida compreensão do autor, *Disney* evoca o urbanismo sem criar uma cidade. Ali, assinala Sorkin, a natureza é a aparência e a máquina a realidade. Depois do primeiro parque, cujo entorno foi explorado pelo capital imobiliário sem nenhuma regulação, *Disney* reeditou o mesmo em Orlando onde regula todo entorno, incluindo direitos de vigilância, impostos e administração, além da liberdade do controle ambiental. E observe-se que o autor escreveu o ensaio antes da criação de *Celebration* em 1996, empreendimento residencial *Disney*, na forma de pequena cidade, onde estes procedimentos constituem a regra.

Esta combinação de cenários perfeitos e simulados com um autoritarismo subjacente tem se generalizado, tornando o tema do livro muito relevante para a pauta acadêmica, especialmente para as Ciências Humanas e Sociais. Estas experiências urbanas mostram que a negação da realidade pode tanto compor promessas de um vir-a-

ser mais promissor, como pode ser pautada pela fantasia e alienação, ao traduzir-se em promessas cada vez mais segmentadas socialmente.

É fundamental observar que tais experiências incluem muito mais que uma preocupação arquitetônica e urbanística. Ela traz implícita, ou até mesmo explicitamente, uma forma conservadora de ver as questões sociais apregoada pelo referencial do neoliberalismo. A desigualdade social não é vista como algo para se resolver já que é considerada parte da normalidade. A competição é *naturalizada* num cenário onde é comum a existência tanto de vencedores como de perdedores. Ampliam-se os espaços, onde se materializam, mais do que nunca, táticas para que as classes sociais não se encontrem, combinando formas sutis com formas cada vez mais explícitas e menos disfarçadas de controle social por meio de muros, cercas e espaços privativos. Esse urbanismo tem igualmente inspirado espaços socialmente exclusivos em vários países.

É como reafirma Soja nessa publicação: o espaço, no atual período, consiste na dimensão que nos oculta as consequências sociais, ao mesmo tempo em que se converte, então, numa dimensão fundamental de análise para ler as contradições que permeiam as relações humanas pautadas pela desigualdade. O espaço é cada vez mais desigual e restritivo, porém, ancorado numa paisagem ordeira que ajuda a negar tais desigualdades.